

## Leitura de Freud

Luis Hornstein

O que aconteceu com a leitura  
de Freud no decorrer de meio século  
após sua morte?

**E**m 1938, Freud escreve o Esboço. Às vésperas do exílio e quando a própria morte está muito próxima. Em 11 de março, os alemães entraram na Austria. A partir de então, vivem-se épocas de terror. A Gestapo havia estabelecido sua sucursal e já se falava de torturas. A casa de Freud foi invadida várias vezes por quadrilhas de S.A. Um grupo da S.A. (Himmler-Goebbels), seguro do efeito paralisante do terror, queria prender todos os psicanalistas; enquanto o grupo de Goering, sob a influência de seu primo psiquiatra, estava a favor da moderação.

Momento de conclusão: nesse contexto pessoal e histórico. Freud apresenta suas idéias pela última vez. Desenvolve sua caixa de ferramentas: esse instrumental teórico-técnico que foi construindo em cinquenta anos de trabalho. Sua intenção no

“Esboço” é “reunir os princípios da psicanálise e expô-los, por assim dizer, dogmaticamente — de maneira mais concisa e nos termos mais inequívocos — “. (3 pg. 139) O último parágrafo desse testamento teórico inclui este verso de Goethe: “O que tenhas herdado de teus pais, adquiere-o para possuí-lo”. Epílogo para Freud, prólogo para nós. Mas como adquirir o herdado? Laplanche designa por “trabalho de filiação” a elaboração psíquica que permite a separação do progenitor, prosseguindo, porém, sua obra.<sup>(6)</sup>

Em um livro recente, abordei as vicissitudes da prática psicanalítica desde Freud até nossos dias <sup>(4)</sup>.

**Luis Hornstein** — Psicanalista membro do “Foro Psicanalítico de Buenos Aires”  
Tradução do espanhol: M. Angela Santa Cruz

# TEXTOS

Neste artigo, vou me referir à leitura da obra freudiana. Tema debatido e reformulado uma vez ou outra por tantos analistas: "Leitura de Freud".

O que aconteceu com a leitura de Freud no decorrer de meio século após sua morte? O freudismo é um desses pontos de referência onivalentes que servem para pensar tudo, poupando-se assim o conhecimento de sua obra. Consumou-se uma pilhagem desenfreada de Freud. Refletir sobre a leitura de Freud não obedece a uma preocupação de purismo ortodoxo, senão a uma estratégia precisa: confrontar a abundância de discursos sobre Freud com os próprios textos freudianos.

Nossa tarefa como psicanalistas é fazer a história. Converter a repetição em recordação, já que a história não é passado, senão quando é lembrada. Historiar é estabelecer laços, relações. Como analistas aspiramos a um diálogo permanente entre passado e presente. Nosso interesses não está apenas no como se fez a história, mas na história por fazer. Paradoxo freudiano: recordar para poder esquecer. Elaborar a história para convertê-la em passado e assim construir um presente que seja ressignificação e não mera reminiscência. Enquanto desconhecemos a obra de Freud, tendemos a fazer uma história defeituosa e a estabelecer, portanto, uma relação neurótica com os textos. Condenamo-nos à reminiscência ou à repetição. Por que não privilegiar a recordação e a reelaboração?

Pontalis se pergunta se Freud está "superado": "Depois de Freud... A expressão não deverá ser entendida como a ata de que Freud tenha sido deixado para trás; se tivesse de se es-

crever uma ata, esta nos convidaria a lê-lo, não a deixá-lo para trás".<sup>(7)</sup> Bem. O que se passa com a leitura de Freud? Por acaso os kleinianos o lêem muito? Por acaso os lacanianos, não digo Lacan, o lêem muito? Por acaso os psicólogos do ego...? O que ocorreu com a leitura de Freud, com o retorno freqüente a seus textos, único guia (teórico, clínico e técnico)?

Ler Freud e interpretá-lo. A interpretação pretende situar-se além do dado. Em psicanálise, interpretar implica dismantelar a organização do conteúdo

A vontade  
de conhecer  
um texto começa  
fazendo-se cúmplice  
deste, em seu poder  
de resistir-nos

manifesto. Ler — interpretar: entre estes dois termos, situa-se o debate teórico sobre a leitura de Freud. O verdadeiro problema da leitura não é desprezar toda interpretação, mas construir uma que seja o mais rigorosa possível com o texto.

A leitura de Freud tem dois registros: o primeiro aponta para um saber já presente, tem um tom nostálgico e se justifica na medida em que se o considera um saber perdido e, inclusive, sistematicamente desconhecido. É a recuperação de

algo esquecido — e até recalçado. Encarrega-se em dizer, por fim o que estava silenciosamente articulado nas dobras do texto. Deve tentar dizer, pela primeira vez, aquilo que de algum modo já havia sido dito.

O outro registro é a leitura retroativa a partir das contribuições pós-freudianas. Neste caso, o texto freudiano é considerado como a abertura de algo que só adquire sua verdadeira dimensão a partir do presente. Talvez sejam necessários ambos os registros: o primeiro, para voltar a ler Freud todo e não apenas aqueles fragmentos que sirvam de apoio e até de autoconfirmação para as diversas correntes atuais, em que o resto dos escritos freudianos é considerado mero balbúcio. (Fenômeno especialmente notório em Buenos Aires, onde antes se lia Freud desde Klein e agora se o lê desde Lacan). A leitura retroativa é imprescindível para descobrir dimensões de Freud que só se esclarecem a partir de elaborações contemporâneas.

A leitura deve permitir ao texto assumir um relevo preciso, uma configuração nítida, para vinculá-lo e entretecê-lo com textos próximos. A vontade de conhecer um texto começa fazendo-se cúmplice deste, em seu poder de resistir-nos. A obra estudada nos oferece uma resistência análoga àquela que encontramos diante de uma subjetividade estranha: escapa a todo projeto que não admita pagar o preço por atravessar o espaço interposto.

A leitura sintomal tenta relacionar o texto visível com uma problemática da qual é efeito e a partir da qual se tornou inteligível. O texto será um "sintoma". A leitura sintomal privilegia os brancos e os silêncios no

texto, os problemas sem respostas, as repetições, as obscuridades da linguagem. Sabemos desde Freud que todo sintoma exige uma interpretação — muitas, rigorosamente falando, já que é efeito sobredeterminado. Interpretação que implica ir do conteúdo manifesto ao latente, percorrendo em sentido inverso os caminhos que conduziram à produção sintomática. Mas não estamos saturados de leituras “sintomais”? Não nos precipitamos na escuta dos silêncios? Creio que, assim como “escutamos” os silêncios, deve-se estar alerta para não silenciar as palavras. Tanta leitura “sintomal” e tanto texto desconhecido! Subscrevo a proposta de J.L. Etcheverry: respeitar na leitura uma literalidade problemática. Daí que atualmente haja um respeito renovado pela literalidade. Pretende-se percorrer o discurso freudiano em todos os sentidos: “literalidade problemática”<sup>(1)</sup>.

A leitura de Freud, em vez de eludir as contradições e dificuldades, tratará de colocá-las para trabalhar e assim conseguir formulações que modifiquem o delineamento do problema; entenderá a história do pensamento freudiano não como uma simples cronologia (na qual as descobertas clínicas e teóricas se acrescentam por mera adição) nem uma dialética (na qual o último estágio resolveria as dificuldades em uma síntese suprema). A leitura não eludirá as escolhas, pois elas são necessárias e fundamentam-se em uma investigação histórico-interpretativa que permite esclarecer as exigências fundamentais. Trata-se, portanto, de uma leitura com uma tríplice perspectiva: problemática, histórica e crítica.<sup>(2)</sup>

Na leitura de um texto, é pre-

ciso remetemo-nos aos projetos mais antigos, dando-nos conta de como a obra, em seu ponto de partida, se opõe e se conjuga com textos precursores: sua originalidade, sua singularidade se destacam sobre um fundo constituído pelo conjunto da obra anterior. Certa perda dos limites próprios se vê compensada por um halo revelador, por seus múltiplos vínculos, de todo um horizonte que não lhe é alheio. Uma leitura problemático-histórico-crítica tem a vantagem de acrescentar a informação pela qual uma história se

os documentos em monumentos, sendo assim necessários trabalhar os textos desde o seu interior e elaborá-los. O documento não deve ser visto como essa matéria inerte através da qual se reconstrói o que Freud disse, mas, antes, deve definir no próprio tecido documental novas unidades, séries e relações.

À leitura histórico-crítica a que remonta o curso do tempo, associa-se uma restituição que se propõe descrever e colocar em evidência as características internas do texto. Não é difícil

demonstrar que a investigação histórico-crítica e a investigação estrutural são interdependentes.

O movimento centrífugo que vai da obra estudada a seus antecedentes ou a seus contornos não é mais que uma perambulação, se não vier ritmado

pelo conhecimento dos conceitos contidos no texto. Da mesma forma, a análise interna dos conceitos postos a trabalhar no texto nada ganha se se ignora sua procedência e suas relações externas.

Deveríamos construir uma história estrutural do pensamento freudiano. Uma história que captasse os conceitos de uma época, dando conta de sua gênese, sua introdução e seu processamento intrateórico. Uma história que não é a de uma racionalidade progressiva-

Creio que, assim  
como “escutamos”  
os silêncios,  
deve-se estar alerta  
para não silenciar  
as palavras

integra a um texto. Só assim um texto nos permite vislumbrar sua ebulição e evitar o congelamento em uma definição muito fácil. Trabalhar a história dos conceitos implica recuperar momentos decisivos na genealogia. Como fazê-lo, respeitando os movimentos da cronologia, em obliterá-los com efeitos de antecipação ou de retroação?

Foucault disse que a história, em sua forma tradicional, se dedicava a arquivar os documentos do passado. Uma leitura histórico-crítica deve transformar

mente crescente. Uma teoria não tem um curso linear. Nem sempre o posterior cronologicamente é “superação” do anterior. Uma leitura histórico-crítica não só enumera, mas também faz suas opções e relega aqueles conceitos que se tornaram impensáveis desde a racionalidade atual, diferenciando entre a história caduca e a história constituída pelo passado atual (que define os conceitos ainda válidos).

“Deixar o texto falar...” Sim, deixá-lo ser. Mas como? Cabe recordar uma expressão de Freud em “Construções em psicanálise”: “conceder a palavra ao paciente”. Como saber, em uma análise, que a interpretação é correta? Nem sequer basta a aquiescência do analisando, talvez sugestionado. E poderia uma construção ser mais segura? Para Freud, qualquer construção é apenas uma conjectura que aguarda confirmação ou desprezo. Se uma interpretação só fosse aceita por seu efeito sugestivo, o analista “teria de recriminar-se por não haver concedido a palavra ao paciente”. Isto é válido também para a leitura de Freud: deve se conceder a palavra ao autor. A fonte permanente de retorno ao texto permite ao leitor verificar se a análise e comentário foram acertados. Às vezes, é fácil se dar conta de que o texto não foi suficientemente estudado, que foi mal interpretado ou interpretado em excesso. À custa de uma confrontação atenta, a todo momento, poderá se ver se o que se quer fazer dizer do texto pode ser confirmado por ele.

No pós-freudismo, permitiu-se ao comentador converter-se em livre-improvisador e dizer qualquer coisa sobre o texto freudiano. Por isso, o recurso ao texto, como outro do comen-

tário, permite identificar onde começam as projeções e as manipulações arbitrárias do leitor abusivo.

O encontro com um texto supõe duas direções distintas: uma, que afeta o próprio texto, os limites do campo de indagação, a definição mais ou menos explícita do que importa explorar; outra, que afeta a natureza de nossa leitura: nossas contribuições, nossos fins, os instrumentos de que nos serviremos e também os procedimentos a que recorreremos.

Toda anulação na relação

À custa de uma  
confrontação atenta, a  
todo momento, poderá  
se ver se o que se quer  
fazer dizer do texto  
pode ser confirmado  
por ele

diferencial entre nossa posição e a do objeto estudado, entre nossos recursos instrumentais e a configuração objetiva do texto, terá como consequência um debilitamento do resultado. Se o texto não é consolidado em sua diferença e em sua realidade própria, o risco é que a interpretação seja apenas o desdobramento de uma fantasia do intérprete. Se o texto está mal situado, o que dele se afirmar não será pertinente ou impertinente: será indefinível.

Para quem quer conhecer a

fundo uma obra, nada é tão irritante como uma leitura cuja voz encobre o texto original. Desejava-se a proximidade e consegue-se uma distância. A loquacidade do leitor-autor levanta uma barreira: por trás dela não se percebe mais que uma fantasia nebulosa.

A leitura de Freud deve evitar ainda o risco dogmático. O dogmatismo é alienante, já que substitui a pulsão de saber pelo anseio de albergar o já pensado pelo outro, consumando um desejo de morte que concerne ao pensamento. Tanatos converte o pensamento em pura repetição.

O texto instituído como dogma poupa o doloroso trabalho psíquico de ter de assumir a dificuldade de escutar a singularidade de cada história. Um projeto dogmático é um exercício de clausura e nasce de uma agorafobia intelectual, de uma ansiedade ante a incerteza e de um anseio de segurança no absoluto.

Um dogma não é uma simples crença, já que quem diz “creio” reconhece certa incerteza na própria certeza que quer expressar. Considera-se que um dogma é uma verdade que exige ser reconhecida como tal e, referindo-se a um texto, implica em que o sujeito se apague como sujeito da enunciação para apresentar-se como seu mero intérprete.

Em uma leitura dogmática, o estudo da obra freudiana transforma-se em um meticuloso estudo de seus detalhes, sem jamais colocar em julgamento seus princípios. A leitura de Freud deveria levantar os fundamentos e as exigências do texto. Deveria incorporar a modalidade de interrogação freudiana. Dizer-se freudiano implica recuperar a inventiva teórica de

Freud: é esta dimensão que deve ser privilegiada entre tantas ritualizações, entre tantas estereotípias.

A leitura de Freud é um passo preliminar para quem aspira a reformular, com os recursos teóricos atualmente disponíveis, os inumeráveis problemas que requerem elucidação na psicanálise. A obra de Freud tem suas regras de funcionamento e suas referências específicas. Este fundamento epistemológico deve ser localizado na literalidade do discurso freudiano, evitando projetar uma construção qualquer que não esteja implicada nesta literalidade. Uma leitura produtiva de Freud exige definir seus princípios, com a meta de desvelar sua idiossincrasia teórica, histórica e pragmática, dando conta de suas fontes, de suas referências conceituais, de seus fundamentos e finalidades.

Uma leitura que alimente a ilusão de que o que se tem que pensar sobre o sujeito, e sobre um sujeito em particular, já foi pensado, de uma vez por todas, por Freud, converte o pensamento em um eco mortífero. Todo analista está obrigado a um pensar e a um fazer ante o desenrolar de um enigma interminável, que tem de elucidar por meio de construções "teóricas" sucessivas, sempre fragmentárias. Todo analista se vê constantemente obrigado a confrontar a totalidade do psíquico, em que o particular de cada história mantém relações indefinidas com os conceitos adquiridos (ou construídos, no caso de Freud) em sua formação teórica. Todo analista tem direito de privilegiar certas opções teóricas, mas toda análise exige que se submeta à prova da prática. Um teoricismo que a ignore e uma enunciação que

assuma a modalidade da certeza, colocando o trabalho do analista ao abrigo de qualquer interrogação, pode conduzir a uma mistificação.

No dogmatismo, a submissão ao texto substitui a pulsão de saber. Desinveste-se o tempo futuro em proveito de idealização do já escrito. O movimento teórico, como o desejo, tem um deslizamento metonímico que não deveria deter-se diante da fetichização de nenhum discurso (nem sequer o de Freud). Os textos são o apoio da pulsão de saber, que tende a um movi-

autônoma e diferenciar-se dele. Por mais próxima que tenha sido a identificação do leitor com o texto, a leitura crítica não repete a obra tal como ela se enuncia a si mesma. É dócil ao objeto, mas independente por seu projeto.

É possível assinalar dois casos extremos na questão da leitura: debilidade do objeto e debilidade da pulsão de saber. Em ambos os casos, nenhuma relação se instaura, nenhum trabalho se faz e, a partir daí, nenhuma luz consegue transformar seja o texto, seja nosso olhar sobre ele.

O desejável é manter entre o texto e a leitura uma distância suficiente, um espaço para que o encontro entre o leitor e o texto possa se produzir. Esse espaço é necessário para que haja um trabalho. Só existe tal trabalho em função de uma oposi-

ção, mas, ao mesmo tempo, não há trabalho se não houver uma relação.

Uma leitura requer tanto domínio instrumental como projeto particular. Ambos são necessários para tomar por conta própria a presença do texto sem confundir-se com ele. Essas são condições para que uma leitura desenvolva todas suas possibilidades e seja, então, produtiva.

Nem todas as leituras são equivalentes. Algumas serão menos férteis ou menos esclare-

O desejável é manter  
entre o texto e a leitura uma  
distância suficiente, um espaço  
para que o encontro  
entre o leitor e o texto  
possa se produzir

mento incessante.<sup>(6)</sup>

Laplanche propõe a fórmula de retorno sobre Freud. O próprio Freud o fazia: reescrever várias vezes a história de suas descobertas. Em muitos de seus textos, encontramos uma retrospectiva histórica. Uma leitura problemática de Freud é aquela que submete à prova a teoria freudiana. "Retorno sobre Freud". Trabalho sobre a obra e da obra.<sup>(6)</sup>

Reconhecida a alteridade do texto ao qual se dedica, a leitura deve desenvolver uma reflexão

cedoras. Mas quais são os critérios pelos quais reconhecemos um maior grau de pertinência da leitura (no confronto e na relação)? Se esses critérios fossem fáceis, não haveria acontecido tantos desvios na leitura de Freud como ocorreram. Uma leitura produtiva de Freud permite circunscrever melhor certos componentes e certas relações constitutivas, mas respeitando em seu objeto a parte reservada a outras aproximações, a parte que fica fora de seu alcance. Estes são os sinais mais confiáveis de uma leitura que tenha conseguido delimitar seu objeto com êxito.

Tem-se contestado a divulgação da doutrina freudiana como ponto de partida de uma vulgarização. Assistimos, neste momento, mais que a uma vulgarização, a uma fetichização da teoria de Freud onde alguns fragmentos são idealizados e outros

recalcados. Os ditos freudianos padecem de uma petrificação ontológica em enunciados de verdade inacessíveis a um trabalho de interpretação. São prescrições absolutas, axiomas, que se convertem em ideologias de um sistema de crenças. Este fetichismo faz com que se preservem dos textos apenas algumas frases descontextualizadas. O recalcado é a elaboração conceitual da qual os enunciados são extraídos. Esta fetichização fragmentária gera sintomas congelados que se convertem em

contra-investimentos recalcantes do processo de produção teórica. Viram slogans: baluartes narcisistas de pertinência de quem os pronuncia. Por exemplo: "Análise terminável e interminável "fica reduzida à idéia do "impossível" ou do "rochedo da castração"; de "Mais Além do Princípio do Prazer" lembra-se do "fort-da". "Sua majestade o bebê", "a sombra do objeto"... "já não creio mais em minha neurótica"... "desejos abertos de uma vez e para sempre" são alguns exemplos.

Freud, com o "umbigo do

**A**ssistimos, neste momento, mais que a uma vulgarização, a uma fetichização da teoria de Freud onde alguns fragmentos são idealizados e outros recalcados

sonho", advertia que não há interpretação completa do sonho. Tampouco há leitura completa de um texto. Poderíamos falar de um umbigo do texto. Mas, para poder reconhecê-lo, é necessário que o leitor vá além de seu próprio umbigo. O texto tem direito de contemplação sobre o que dele se diz; representa para um discurso interpretativo um referente que não se deixa eludir.

Historiar-nos em relação a Freud. Reexaminar o presente à luz do passado. Como nos situar

a meio século da morte de Freud, sem fazer um inventário cultural que pretenda uma recapitulação total? Como fazer produtiva esta Babel invertida em que as mesmas palavras remetem a conceitos diferentes?

A leitura de Freud não pode deixar de ser infiel, ainda que seja em razão da situação histórica. A releitura supõe o prefixo "re", que indica um movimento de retrocesso, introduz o tempo e, mediante a história, impõe a diferença. Assim como no tratamento psicanalítico, reproduzir sempre remete a outra coisa qual seja, à história. Produz de outro modo, o que permite falar de uma nova criação, de uma "reconstrução", ainda que seja sabido que a produção de algo novo pode suscitar muitos mal-entendidos.

Toda leitura se faz a partir do horizonte de uma história, com o alcance dos meios que o contemporaneidade nos permite, com aquilo que herdamos. Por mais livremente que pretendamos eleger nossos objetos e nossos métodos, não podemos fazê-lo senão recorrendo à linguagem e aos instrumentos conceituais que a história nos transmitiu. Cabe-nos preservá-los, mas também nos cabe aperfeiçoá-los.

## BIBLIOGRAFIA

- 1 — Etcheverry, J.L., Sobre la versión castellana, O.C., A.E.
- 2 — Freud, S., Construcciones en el análisis, O.C., A.E., XXIII.
- 3 — Freud, S., Esquema del psicoanálisis, O.C., A.E., XXIII.
- 4 — Hornstein, L., Cura psicoanalítica y sublimación, Nueva Visión, Buenos Aires, 1988.
- 5 — Laplanche, J., La pulsión de mort, P.U.F., Paris, 1986.
- 6 — Laplanche, J., La angustia, Amorrortu, Buenos Aires, 1988.
- 7 — Pontalis, J., Después de Freud,